

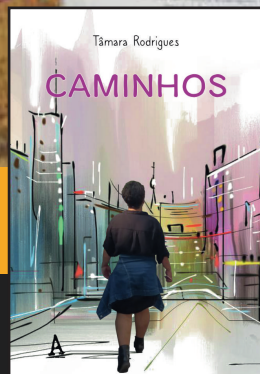


SANDRA APARECIDA PAULINO

O COGNITIVO E O AFETIVO PRECISAM ESTAR SEMPRE JUNTOS PARA O SUCESSO DA APRENDIZAGEM.



LANÇAMENTOS



Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Aline Lima Carvalho
- Aline Lopes de Sousa Silva
- Ana Kátia de Souza Pessoa
- Bruno Fragoso Watanabe
- Cibele Vieira dos Santos Alves
- Eliane Cristina Bulgan Borges
- Elisângela Oliveira Silva
- Geni Santana Cardoso
- Ilda Helena Domiciano Paukoski
- Ismenia Maria Pires Vaz
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- Maria Dalva Lima de Sousa
- Manuel Francisco da Silva e Delson da Conceição Miguel
- Maria Goreth Bueti Nhuca
- Marilene Pereira da Silva
- Maura Antônia Lima
- Patrícia Herminio da Silva
- Silvana Trindade de Azevedo
- Solange Alves Gomes Zaghi
- Vânia Regina Dias dos Reis Silvas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 33 (out. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

158 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.33>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Denise Mak
Isac dos Santos Pereira
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva
Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 98031-7887
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação. É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



Platform & workflow by
OJS / PKP



Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

12 DESTAQUE

PROF^a. SANDRA APARECIDA PAULINO

UMA PROFESSORA PRÁ LÁ DE ESPECIAL UMA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO: ALUNO X FAMÍLIA X PROFESSORA

COLUNAS

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

- | | |
|--|-----|
| 1. PSICOPEDAGOGIA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL
Aline Lima Carvalho | 17 |
| 2. A PRÁTICA DA MOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Aline Lopes de Sousa Silva | 23 |
| 3. EJA A DISTÂNCIA: UMA JANELA QUE SE ABRE QUANDO O GOVERNO FECHA PORTAS
Ana Kátia de Souza Pessoa | 29 |
| 4. A EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE E SEUS BENEFÍCIOS SOCIAIS
Bruno Fragoso Watanabe | 39 |
| 5. AS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS
Cibele Vieira dos Santos Alves | 43 |
| 6. AMPLIAR A AUTOESTIMA E DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM TEA
Eliane Cristina Bulgan Borges | 51 |
| 7. AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
Elisângela Oliveira Silva | 59 |
| 8. O QUE BEBÊS E CRIANÇAS FAZEM NO BERÇÁRIO
Geni Santana Cardoso | 71 |
| 9. A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA VIDA DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL AO ENSINO MÉDIO
Ilda Helena Domiciano Paukosk | 75 |
| 10. DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM
Ismenia Maria Pires Vaz | 81 |
| 11. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS PERSPECTIVAS PARA ALÉM DA SALA DE AULA
Jonatas Hericos Isidro de Lima | 87 |
| 12. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR
Maria Dalva Lima de Sousa | 93 |
| 13. EXERCÍCIOS PARA CONTRIBUIR NO DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA SOMA DOS TERMOS DE UMA PROGRESSÃO GEOMÉTRICA NA 11ª CLASSE DO COMPLEXO ESCOLAR DO ENSINO ESPECIAL Nº 5.116 "MANUEL PEDRO PACAVIRA" DE NDALATANDO
Manuel Francisco da Silva / Delson da Conceição Miguel | 103 |
| 14. RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
MARIA GORETH BUETI NHUCA | 113 |
| 15. A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO BÁSICO
Marilene Pereira da Silva | 119 |
| 16. GESTÃO DEMOCRÁTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS E SEUS ELEMENTOS CONSTITUINTES
Maura Antônia Lima | 125 |
| 17. O OLHAR DO PSICOPEDAGOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Patrícia Herminio da Silva | 131 |
| 18. AS HISTÓRIAS E OS CONTOS DE FADAS NO UNIVERSO INFANTIL
Silvana Trindade de Azevedo | 137 |
| 19. DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR
Solange Alves Gomes Zagh | 143 |
| 20. AS TECNOLOGIAS E AS PRÁTICAS NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
Vânia Regina Dias dos Reis Silva | 149 |



AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

ELISÂNGELA OLIVEIRA SILVA

RESUMO

O objetivo deste trabalho é reconhecer o grande potencial da literatura infantil para auxiliar na alfabetização das crianças. Quando a criança entra em contato com a literatura, com obra literária escrita, além de se aproximar das diferentes culturas e conhecimentos historicamente acumulados, passa a ter uma visão de mundo mais ampliada, desenvolvendo assim seu potencial imaginativo e criativo. Através da leitura a criança pode aguçar a imaginação, descortinar o mundo e ter suas curiosidades saciadas. Assim, como fonte de descobertas, a literatura se torna uma aliada potente para despertar nos educandos o hábito da leitura e auxiliar na alfabetização.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil, Literatura, Leitura, Contos.

INTRODUÇÃO

O primeiro contato da criança com a leitura inicia-se antes que ela esteja pronta para ler ou até mesmo falar suas primeiras palavras. As mães já estimulam a alfabetização desde a gestação, narrando contos em voz alta, falando ou cantando para seus bebês na gravidez, assim ocorre um vínculo estreito entre o nascimento e o processo social que levam naturalmente para o contato com os livros, traçando indelevelmente o hábito da leitura.

Fugindo a questão da literatura infantil como instrumento de alfabetização, vamos a questões mais abrangentes, tornando-a ferramenta de humanização, como porta aberta a troca de experiências e vivências que vão além do universo pessoal do leitor. Narrar um conto para uma criança permite o contato com o imaginário em contraste com a realidade. No decorrer de sua alfabetização acontecerá, gradualmente, a descoberta de outras realidades ampliando sua formação cultural, social e ética, através do exercício das escolhas literárias, transcendendo o desenvolvimento da autonomia e atingindo um nível de entendimento diferenciado como parte de sua visão de mundo.

O mundo do faz de conta e a magia da leitura nos leva ao encantamento do mundo imaginário. Ao oferecermos à criança subsídios, meios para a apropriação dos contos de fadas, permitimos-lhe buscar soluções para seu conflito interno, a partir daí temos o propósito de lhe favorecer o contato com a literatura que traz conhecimentos fundamentais para seu desenvolvimento, e permitir-lhe ver a realidade do mundo como sujeito a modificações.

Em contato com narrativas ancestrais de histórias sobre a contribuição social da humanidade e de compreensão da natureza humana, e dramatização, a criança pode se permitir viver vidas que não seja sua, com isso ressalta a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento e construção da subjetividade e do conhecimento infantil.

A LITERATURA INFANTIL

O hábito da leitura no Brasil é muito baixa, já que os índices mostram que a maioria dos brasileiros não possui o hábito de ler ou leem muito pouco e, para uma mudança nesse cenário, se faz necessário campanhas de estímulo à leitura. O Brasil possui o índice de leitores menor do que os países vizinhos considerados mais pobres. Por esse motivo, a prática da leitura precisa ser estabelecida por três pilares, constituído da família, escola e biblioteca, senão abranger os três ao menos em um dos pilares precisa desenvolver o encanto das crianças pela leitura. (Ferreira, O Globo, 2015).

Tendo em vista que um dos papéis da escola é o da formação integral do educando, ela precisa se empenhar para fazer da leitura uma prática constante entre os alunos. Cunha (2005) esclarece que

a leitura permite que o educando aprenda sempre, constantemente; no entanto, pode ser vista por alguns apenas como uma decodificação de signo linguístico, no entanto para outros é muito além do que decodificação é uma compreensão do que eles significam na comunicação.

A leitura é tema de discussão no ensino fundamental em razão do número de reprovações que ocorrem, em sua maioria, no final da primeira série, pelo fato de não aprenderem a ler e a escrever e na quinta série por não alcançar o uso eficaz da linguagem. Isso acontece porque os sistemas de ensino têm dificuldade de ensinar a criança a ler e a escrever (PCN, 1997 p.19).

De acordo com o PCN (1997), existem algumas concepções sobre a aprendizagem da leitura primordial, que se refere ao entendimento que se tem da leitura como apenas uma decodificação e por causa desse equívoco no seu entendimento as escolas têm formado alunos capazes de decifrar vários textos, entretanto, em sua maioria, revelam dificuldades de entender o que leem.

Se faz necessário que a escola reconheça a importância de realizar a leitura com seus alunos; para Cagliari (2009) feita de forma individual a leitura se torna uma prática de absorção do conhecimento, interiorização e reflexão. Dessa forma, a escola que não tem a prática de leitura com seus alunos e não oferece oportunidades para que a leitura aconteça pode cair no fracasso.

Segundo Cunha (2005), às vezes cometemos erros ao dizer que um aluno lê bem, mas que não compreende nada, e a melhor forma de nos referirmos a esse fato é dizermos que o aluno fala bem, mas não compreende o que ler. Entendendo dessa forma que a leitura está ligada ao sentido da compreensão.

Compreende-se que toda a pessoa tem uma forma de ler e a mais praticada na escola é a visual e silenciosa em que os alunos são incentivados pelos docentes a fazer a leitura de forma silenciosa, claro que para quem já sabe ler isso se torna uma simples tarefa, mas para aqueles alunos que ainda não sabem ler e tem dificuldade para decifrar algumas palavras essa tarefa não é fácil, cada docente precisa entender que há crianças que levará mais tempo do que outras para aprender ler e a escrever as palavras. (Cagliari, 2009, p.138).

Nos séculos XVI e XVII, ocorreu o nascimento da sociedade moderna e o surgimento do status de infância, nesse período as crianças eram vistas como adultos em miniatura. A literatura infantil teve seu início no século XVI e XVII, nesta época houve mudanças na estrutura da sociedade, devido à elevação da família burguesa.

A urgência dessa literatura associa-se à função utilitário-pedagógica, já que as histórias eram criadas para serem modificadas e tornando-se divulgadoras dos novos ideais burgueses. Segundo Vasconcelos (2003) houve essa mudança devido a outro acontecimento da época:

A emergência de uma nova noção de família, que já não era mais centrada num único núcleo, queria manter a sua privacidade, recusando a influência de parentes em seus assuntos internos. Nesta época não havia diferenciação de tempo diferente, a criança não era vista como criança, mas um adulto em miniatura, já que pequenos e grandes compartilhavam os mesmos eventos.

O que produziu a união familiar foi a valorização da infância, com certo monitoramento do desenvolvimento intelectual da criança e emoções manipuladas; no entanto, a literatura infantil e a escola foram criadas como a primeira reforma, assim estabelecendo que as escolas e a literatura estavam no mesmo caminho. Portanto, os laços entre literatura e escola começaram a estreitar, porém para ter contato com os livros era necessário que as crianças tivessem o domínio da língua escrita e a escola era responsável por este desenvolvimento. Para Lajolo & Zilbermam (2002, p.25), "a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo".

A formação e a evolução são fases especiais na infância que devem ser respeitadas e cultivadas. Vasconcelos (2003, p.14) afirma que: "Não há melhor meio de se educar do que por meio das histórias".

No século XVIII surgiram livros para o público infantil. Autores como La Fontaine e Charles Perrault escreveram suas obras com foco nos contos de fadas. No entanto, a literatura infantil foi se destacando e ganhando espaço, e outros autores foram surgindo como Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e Monteiro Lobato.

Nesta época, a literatura infantil era tida como mercadoria, e a sociedade aristocrática que a definia assim, com o tempo o crescimento e modernização social trouxeram a industrialização e a expansão da produção de livros.

Após a expansão encontramos outro cenário para a literatura infantil, que na verdade é uma literatura voltada aos adultos e aproveitada para as crianças. Seu perfil era didático-pedagógico de suma importância que se baseava em uma linha que chamamos de paternalista; moralista, centrada numa representação de poder.

Porém a literatura tinha o objetivo de estimular a obediência, decorrente da igreja, do governo ou ao senhor. A literatura trazia a intencionalidade em que cujas histórias tinham o objetivo de premiação e punição, assim castigando o que lhe era considerado mal.

Até a década do século XX, eram produzidas obras didáticas para a infância que apresentavam um caráter ético-didático, ou seja, o livro com uma única finalidade, a de educar, apresentar modelos; e a de moldar a criança conforme as expectativas dos adultos. A obra literária não propunha o objetivo de desenvolver o prazer pela leitura; no entanto as histórias que relatavam a vida de forma lúdica eram muito poucas.

A visão de mundo maniqueísta passa a ser modificada por volta dos anos 70, na qual a literatura infantil passou por uma transformação que e passou a ser reconhecida positivamente com a contribuição em grande parte com as obras de Monteiro Lobato, no refere-se ao Brasil; espalhando-se pelos caminhos da atividade humana, dando valores ao cotidiano, a família; a aventura; a escola; o esporte as minorias radicais; as brincadeiras; infiltrando-se até mesmo no campo da política. No entanto, podemos dizer que a Literatura Infantil se tornou muito mais abundante, propiciando e proporcionando à criança meios para o seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

Em conformidade, Abramovich (1997) afirma que as crianças passam a visualizar de forma mais clara quando elas ouvem as histórias, já que estas histórias trabalham a existência dos problemas de infância, tais como medos, curiosidades e a dor da perda. São por meio das narrações de histórias que se descobrem outros lugares; outros modos de ser, agir e pensar, passando a tomar conhecimentos de outras regras, éticas e um novo olhar.

Para Vasconcelos (2003) as histórias informais, ou seja, domésticas deveriam ser vistas com um olhar diferenciado, com mais seriedade, no entanto os contos infantis poderiam ser lidos com mais frequência pelos educadores da educação infantil.

Na verdade as histórias deveriam ser contadas não somente nas escolas para as crianças, mas também pelos seus pais. Segundo a autora, "É necessário ter em mente que todo o patrimônio da humanidade vem da Literatura". Até os dias de hoje e creio que será sempre, já que a função da literatura é "agradar, comover, instruir". (VASCONCELOS, 2003, p.10).

Privar a criança das histórias, contos e encantos e que por muita das vezes vem por meio das gravuras, cores e formas é sufocar a riqueza do seu mundo interior. Visto que para Zilberman (2003).

A criança entende a história sem este pressuposto do adulto. Sua compreensão da realidade, existência e vida, ainda não, se baseiam em processos linguísticos de comunicação, mas nas relações sociais primárias e nas próprias atividades. (Zilberman,2003, p.45).

Podemos dizer que a criança por meio da literatura adquire uma postura na qual passa a ser crítico-reflexivo, mediante a sua formação cognitiva, sendo assim quando a criança ouve e lê histórias ela é capaz de indagar, fazer comentários, discutir sobre o assunto; além de promover a interação verbal, No entanto, essa relação vem ao encontro das noções de linguagem de Bakhtin (1992). Para Bakhtin essas relações e associações fazem parte do caráter coletivo e social.

O conhecimento é adquirido por meio da evolução da comparação, da interlocução, da contrariedade. A linguagem apresenta-se construtiva, ou seja, o pensamento é edificante a partir do pensamento do outro, no entanto pode-se dizer que é uma linguagem dialógica. Bakhtin (1992) acrescenta que:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. (Bakhtin, 1992, p.112).

A partir da visão da interação social e do diálogo, pretende-se compreender a relevância da literatura infantil. Coelho, (2001, p.17), afirma que "é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial social e cultural". A leitura faz parte do processo em que o leitor pratica e realiza

um trabalho ativo na construção do significado do texto. Para Coelho (2002) a leitura é condição básica do ser humano a fim de compreender o mundo.

Ainda, Coelho (2000, p. 161), afirma que livros que contam histórias por meio da linguagem visual, sem o suporte de textos narrativos ou com o apoio de pequenas falas escritas, são chamados de livros de imagens. Esses modelos de livros sem palavras apresentam muitas estratégias que possibilitam para as crianças o reconhecimento dos seres, das coisas e dos acontecimentos que se movem e se misturam no mundo no qual elas estão inseridas:

Há prazer de folhear um livro, colorido ou branco e preto [...] livros feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade, são, sobretudo, experiências de olhar, de um olhar múltiplo, já que se vê com o olhar do autor e do olhador / leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens de modo diferente, conforme percebem o mundo. Saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo, a visão. (ABRAMOVICH, 1991, p. 33).

A compreensão e o sentido começam a fazer parte do mundo da criança quando ainda bebê em seus primeiros contatos, no entanto os odores, o toque, os sons, e o paladar de acordo com Martins (1974) fazem parte dos primeiros passos para aprender a ler. Porém ler não significa somente a decodificação de símbolos, mas relaciona e envolve uma série de fatores estratégicos que permite a compreensão da leitura do indivíduo. No entanto, a capacidade de aprender a ler está relacionada ao contexto pessoal de cada indivíduo. Lajolo (2002) afirma que cada leitor, entrelaça o significado pessoal de sua leitura de mundo com diversos significados encontrados ao longo da história de um livro. Foram encontradas as primeiras publicações para o público infantil nos fins do século XVII e durante o século XVIII, já que surgia uma concepção de criança e de família nesta época. A organização escolar e a cultura sofreram grandes transformações na Idade Moderna e solidificadas no século XVIII.

No entanto, a família burguesa passou a se desestruturar, e passou a não se importar com os elos de familiares e parentescos para a sua ascensão, dando a partir daí o surgimento à estrutura "união familiar privada". Esse movimento familiar realçava vínculos afetivos mais fortes. Após a mudança de concepção começou-se a pensar e refletir numa literatura para crianças, crianças estas que eram vistas como adultos em miniatura. Nesta época a literatura era baseada em valores e normas a serem seguidos para que as pessoas de forma ponderada pudessem viver e relacionar-se no meio social em que viviam. Nesta época viveu uma posição hierárquica, já que o adulto sempre estava à frente das crianças, entende-se neste contexto que, a criança era simplesmente o reflexo que o adulto e a sociedade desejavam que ela fosse.

Os primeiros escritos literários direcionados para as crianças foram realizados por educadores, em razão ao forte caráter educativo, e pelo fato de vencerem a manipulação do indivíduo, porém a produção literária não é vista como "arte", por ter uma finalidade pragmática, e por ser maioria dos escritores pedagogos. Afirma Barth apud Góes.

A tendência de fazer veículos de formação moral tornou-se, muitas vezes, insossa. Em vez de deixar falar as coisas e os fatos, fala o autor em demasia. Ao invés da vida real, aparecem repetidas vezes a representação em que enxergam os bons e o mau-caráter, como tipos extremados nos dois sentidos – de modo que se recompensa excessivamente o bem e se castiga da mesma forma o mal. (Barth apud. Góes. 1991 p.06).

Consoante a Coelho, (1991), o individualismo e suas verdades são como pedras no sistema. Na sociedade tradicional (liberal, cristã, pragmática, burguesa, progressista, patriarcal, capitalista) parte do indivíduo, e nele encontramos seu sustentáculo. Embora ideais gêneros estivessem visando à coletividade, na prática, uma competição fortemente individualista, que no caso era à base do sistema, e que acabou se transformando no poder absoluto das minorias; e quando se negava uma educação para o processo de desenvolvimento do ser em sua inteireza, ao mesmo tempo era lhe derivado o direito de livre expressão. E com todo esse processo, novamente havia contribuição para que a classe dominante continuasse em evidência, e assim a escola e a sociedade faziam parte do processo de manipulação das crianças, em que as crianças aceitavam normas sem questionar.

No que diz respeito à aprendizagem da leitura, Coelho (2000), orienta que no período dessa descoberta, o adulto responsável pela educação do pequeno leitor deve utilizar textos breves, combinados com grande quantidade de imagens e com poucas páginas, cujos temas fundamentais a serem abordados devem ser simples, fáceis de decifrar, e que, de um livro para o outro, serão esclarecidas

as dificuldades de compreensão e entendimento da leitura para essa fase do pré-leitor. Esses livros devem especialmente retratar de coisas e objetos vivenciados no dia a dia da criança, como comer, dormir, brincar, vida familiar, higiene, lazer, entre outros, o que possibilitará o meio de acesso à realidade das experiências existenciais da criança.

Constata-se que a literatura infantil está sendo trabalhada e é contada na maioria das instituições escolares, na perspectiva de explorar o “criar formativo”, mediando e possibilitando a fluência dos indivíduos, e tendo os fatores afetivos e psíquicos como meios indispensáveis para a transcendência e desenvolvimento dos seres. Assim tornando o seu desenvolvimento cognitivo mais seletivo e aguçando cada vez melhores leituras.

Segundo Sobrinho (2000, p.13), o ano de 1967 “pode considerar-se a data a partir da qual se pode falar de nascimento de uma autêntica literatura para a infância e juventude”. Em 1967 Charles Perrault, cria os contos de outrora, que estão divididas em oito narrativas em prosa e três em verso, por meio desta criação, surgem, ou seja, nascem os personagens universais, assim como a Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho Gato de Botas, e outros na qual o desencadear da história deveria ter uma moral.

Em 1754, ocorreu um fato muito importante, na propagação da literatura infantil, em que John Newberg inaugurou, ou seja, abriu a primeira livraria e editora direcionada especialmente para as crianças, que ficou conhecida como A Bíblia e o Sol. Com a criação de livros com a criação de livros dourados para meninas e meninos a livraria editou e publicou inúmeras obras, além de lançar a primeira revista infantil do mundo. No século XVIII, dois grandes e importantes títulos da literatura infantil são publicados: Robinson Crusoe, de Daniel Defoe e As viagens de Jonathan Swift.

Essas ações eram direcionadas para o público infantil, no entanto, somente no século XIX o Romantismo resgata a criança como sujeito que necessita da fantasia. E neste século surgem grandes nomes, tais como os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, que tiveram várias de suas obras immortalizadas, na qual se tornaram clássicos da literatura infantil, como Branca de Neve e João e Maria, dos irmãos Grimm e o Patinho Feio, Soldadinho de Chumbo e A pequena vendedora de Fósforo, de Andersen. As ilustrações passam a ter um papel muito importante nos livros infantis, já que se cria um meio de mercado promissor para os ilustradores. Ganhou destaque nas narrações de aventuras e viagens consagrando autores como Júlio Verne e Mark Twain, entre outros. Aumentando o interesse pela fantasia, na qual merece destaque a obra Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol e as Aventuras de Pinóquio, de Carlos Collodi.

De acordo com o autor, Sobrinho (2000), o século XX é um século cheio de livros quando: A literatura infantil se fortalece e adquire autonomia e os autores passam a tomar muito mais em consideração a psicologia e as vivências de seus jovens leitores. (Sobrinho, 2000, p.18).

Em suas considerações, Castro (2004, p. 169) salienta que ao contar uma história com figuras ilustrativas, sem o uso da palavra escrita, faz-se necessário, que o adulto explore os detalhes que aparecem no livro, partindo de uma análise geral, indagando o que as crianças veem e percebem, tais como, as pessoas, os objetos, as paisagens que aparecem na história e suas características, estimulando assim, o pensamento na criança.

Esse tipo de leitura representativa pode estar presente na rotina diária do pré-leitor, ou seja, não há um período específico para despertar o gosto e o interesse pela leitura, esses momentos de descobertas devem ser explorados pelo adulto, a partir das possíveis oportunidades de contato da criança com o livro infantil.

Para Zilberman (2003), os contos folclóricos colecionados pelos irmãos Grimm, e outros não eram “fabulosos”, isso primitivamente, e além do mais não eram restritos a certa idade. A princípio o conto era contado por adultos e para adultos. O desejo de contar histórias nasceu no homem a partir do momento na qual ele sente a necessidade de compartilhar com outros alguma experiência sua, que pudesse ter significado para todos.

O povo se orgulhava de suas histórias, tradições e lendas, no entanto as expressões de suas culturas devem ser preservadas, porém aqui se concentra a relação entre literatura e oralidade. A literatura infantil, hoje conhecida por clássica, encontra-se na Novelística Popular Medieval, entretanto suas origens são da Índia.

O livro infantil traz a função estético-formativa, a educação da sensibilidade, envolve e relaciona a beleza das imagens, tornando mais atrativa o envolvimento emocional da criança, há emoções poéticas que são de certa forma acessíveis a todas as crianças, estando à poesia presente ou não nos livros infantis.

Quando a criança entra em contato desde muito cedo com obras literárias escritas, para ela há uma maior compreensão de si e do outro, terá a desenvoltura de desenvolver seu potencial criativo e poder ampliar os horizontes da cultura, do conhecimento e a realidade do mundo que a cerca. Para Bettelheim: divertir a criança, o conto de fadas esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade (Bettelheim 1996, p.20).

É visível notar que quando a criança é posta em contato com a literatura infantil, ela tem mais facilidade em estabelecer vínculos com os personagens, desenvolvendo assim a sua criatividade, imaginação e atuando como agente interativo dentre as situações que estão a sua volta. As crianças por meio dos contos de fadas entram no mundo da imaginação no qual se identificam com heroínas/heróis, muitas das vezes encontrando refúgio em seus anseios. Em conformidade, Cademartori (1994), afirma que:

Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e Ada carência por possibilitar a reformulação de conceitos (CADEMARTORI 1994, p.23)

A criança encontra no conto de fadas um momento de liberdade e de segurança, na qual a criança forma sua opinião sem que o adulto venha a interferir. No entanto, ela abstrai das histórias que lhe é contada somente aquilo possa lhe nutrir preenchendo desta forma sua necessidade. Em nosso país poucas crianças têm o hábito de ler, e a maioria somente tem o primeiro contato com a literatura quando estão no âmbito ente-escolar, que é quando passa a ser uma obrigação, porém ressalto que infelizmente há professores que não gostam de desenvolver trabalhos com a literatura infantil, e que talvez não conheçam técnicas que possam ajudar a contribuir a dar vida para as histórias que possibilitam desenvolvimento do conhecimento. Há professores que atuam sem levar em consideração a faixa etária da idade em que as crianças se encontram e o gosto dos educandos, muitas das vezes a leitura dos livros lidos pelo professor ou indicado não coincidem com a linguagem do aluno, impossibilitando a sua compreensão de linguagem.

O primeiro contato com um texto oralmente, que é realizado por meio de contação de histórias por meio de seus pais, avós e até mesmo por outras pessoas. Nesta fase as crianças preferem as histórias de sua vida, porém gosta de ouvir como que ela nasceu os acontecimentos que ocorreram com ela e as pessoas de sua família. E com o passar do tempo, à medida que cresce, ela já vai tendo vontades próprias para ouvir a história na qual deseja, a parte que mais gosta, é neste período em que as histórias tornam-se mais extensas e detalhadas.

Nesta fase a criança passa a interagir com as histórias, adicionando detalhes, personagens e lembra ao contador fatos que passaram despercebidos. As histórias reais são de suma importância para que a criança estabeleça sua identidade, compreendendo melhor as relações familiares. Um fato importante é o vínculo afetivo que o contador de histórias estabelece com a criança.

Contar e ouvir histórias estabelece laços tanto quanto com quem conta, quanto com quem ouve, é compartilhar momentos agradáveis, experiências, é proporcionar a descoberta do mundo das histórias inventadas, criadas, e pelas histórias dos livros tais como: Contos de fadas ou contos maravilhosos, ficção, poemas, etc. No entanto, tendo a perspectiva de submergir o real do imaginário. É importante contar histórias mesmo para crianças que sabem ler, consoante Abramovich (1997):

Quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las. Quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ouvi lá pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. (Abramovich 1997, p.23).

No entanto, é primordial a vivência da narrativa desde os primeiros anos de vida da criança, auxilia o desenvolvimento de seu pensamento lógico e contribui para a sua imaginação. Segundo Vigotsky (1992):

Vygotsky enfoca que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade por meio de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: afastamento do aspecto externo aparente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece. (VIGOTSKY, 1992, p.p 128/129).

A criança e o livro podem entrar em contato muito antes do que os adultos possam imaginar. Pelo fato de a criança não saber ler, muitos pais acreditam que não haja o interesse pelos livros, e supondo que desta forma não necessitam ter contato com eles. Mas pelo contrário, a criança desde muito cedo percebe que o livro é algo bom, que de alguma forma exala prazer, as cores, as formas e as figuras dos livros lhe chamam a atenção, e assim mais tarde darão significados, na qual irão identificando-as e nomeando-as.

É importante que haja o toque no livro pela criança, que ela possa folhear para que se tenha um contato mais íntimo, e partir daí começa o gosto pelos livros, em que se percebe o mundo encantador e fascinante na qual a fantasia se apresenta por meio de palavras, cores e desenhos.

A fase do desenvolvimento da criança abrange estágios psicológicos, que necessitam ser respeitados e observados no momento da escolha de livros para ela, porém esses estágios não dependem somente de sua idade. Mas, conforme Coelho (2002) do seu nível de amadurecimento psíquico, intelectual, afetivo e seu nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura.

Neste sentido, é preciso adequar os livros às diversas etapas as quais a criança passa. Há duas categorias norteadoras, as fases do desenvolvimento psicológico da criança na faixa etária de 1 a 7 anos: o pré-leitor e o leitor iniciante. Pré-leitor: abrange duas fases, a primeira infância que vai dos 15 meses aos três anos, neste momento a criança passa a começar a reconhecer o mundo ao seu redor por meio do contato afetivo e do tato, e assim a criança tem a necessidade de tocar e pegar tudo que estiver no seu alcance.

De acordo com Abramovich (1997), nesta fase, os livros adequados para serem apresentados às crianças, são os que apresentam um contexto familiar, que por meio das imagens sugerem situações. Não é convencional e não deve apresentar texto escrito, a criança nomeará e estabelecerá uma relação entre a realidade e o mundo dos livros. No entanto destaca-se também que, os livros que sugerem humor, mistério e expectativa são indicados para o pré-leitor.

Na segunda fase, que se inicia a partir dos 2/3 anos, tem-se a adaptação ao meio físico, o interesse e o aumento da capacidade de comunicação verbal. Surge também o interesse por atividades lúdicas e o livro passa a ser um “brinquedo” muito importante e significativo para a criança.

Para Saraiva (2001), a leitura é uma prática básica em qualquer área do conhecimento, sendo atribuída a conquista nas áreas acadêmica, social e econômica, visto que promove a promoção dos indivíduos.

Outro fato destacado por Saraiva (2001), referente a leitura é que essa prática de leitura e de relatos de experiências de vida não se faz mais presente nos encontros de família; encontros esses em que havia um encantamento proveniente das fábulas, lendas, narrativas, histórias de vidas, jogos poéticos, acabaram perdendo lugar para os programas de televisão e jogos eletrônicos, tornando os diálogos dos indivíduos empobrecidos.

Conforme as autoras Saraiva, e Varella (2001), mencionam sobre a “importância da leitura no processo de alfabetização” que a escrita “amedronta e intimida, desafia e provoca, aprisiona e liberta”(Saraiva; Varella, 2001, p.81) como também separa as pessoas que têm acesso ao conhecimento das que não tem, assim as palavras interfere na inclusão e na exclusão das pessoas como nas posições de hierarquias e no mundo dos de adultos das crianças.

Ainda conforme as autoras, a prática da leitura quando a criança já tem o domínio, torna-se uma experiência significativa nas suas vidas, isso determinará como a criança verá a escola e a aprendizagem em geral. Como consequência desse processo, o aluno precisa perceber que os seus esforços para reconhecer as letras e as palavras, tem que estar acompanhado com textos que sejam estimulantes.

Consoante a Colomer e Camps (2002), quando nos referimos a leitura, nem sempre o que parece ser simples realmente é, uma vez que o professor com uma variedade de atividades de leitura pode fazer com o que era para ser compreensível se torne incompreensível. A leitura de um texto precisa ser uma leitura corrente de cima para baixo e não uma soletração de palavras como se possuísse significados isolados.

Em conformidade, Colomer; Camps (2002), ler é organizar as informações que o texto está transmitindo com o intuito de atendê-lo. Quando uma pessoa realiza uma leitura, ela utiliza duas fontes de informação da leitura, a visual a partir do que o texto está informando e a não visual, que são os conhecimentos que as pessoas já trazem consigo.

Ao ingressarem nas escolas, os alunos são expostos a uma aprendizagem nova, a da língua escrita que é de responsabilidade da escola ensinar aos alunos de pouco a pouco, essa aprendizagem se inicia pela correlação entre os fonemas da língua e os signos gráficos, desde as unidades mais simples até as mais complexas.

Conforme Silva (1998), a escola é um espaço em que o conhecimento vai sendo construído e reformulado a partir do que a criança já sabe. Desse modo é fundamental que alunos e professores caminhem em direção ao saber de conhecer e entender o porquê das coisas.

Mas a visão que muitas pessoas têm do ambiente escolar, de um espaço estruturado para que a criança possa aprender a ler e a escrever torna-se equivocada quando os professores não contam com recursos, ou seja, para que o aluno tenha acesso a uma prática de leitura de qualidade o professor necessita de recurso para isso.

Defender a ligação entre o movimento de alfabetização e letramento significa que é de extrema importância pensar numa prática pedagógica dotada de intenções tanto nas ações voltadas ao ensino da escrita, quanto nas que pretendem introduzir as crianças no mundo da escrita. É neste ponto que sugerimos recorrer à literatura infantil, considerando sua potencialidade para a ampliação do nível de letramento das crianças, estimulando-as a aprender a ler e a escrever, mas, acima de tudo, cobrindo de ludicidade o fazer pedagógico que envolve esse processo. Essa orientação coaduna com as reflexões promovidas por Maia (2007) acerca da formação de leitores. Para ela

“[...] a literatura possibilita à criança uma apropriação lúdica do real, a convivência com um mundo ficcional, a descoberta do prazer proporcionado pelo texto literário e a apreensão do potencial linguístico que esse texto expressa” (MAIA, 2007, p. 67).

Isto quer dizer que a literatura infantil além de proporcionar que os leitores mirins sejam transportados para lugares imaginários e de lhe permitir vivenciar situações que a vida cotidiana não lhe proporciona, estimula o interesse pelo texto escrito ao passo que a linguagem é capaz de materializar ações e pensamentos humanos.

Nessa perspectiva, a linguagem tem duas importantes funções: promover o contato entre as crianças e determinar o processo de aprendizagem e desenvolvimento delas.

Essa forma de conceber a linguagem, ocasiona algumas implicações de ordem metodológica: não há necessidade de a criança, primeiramente aprender a ler e a escrever para, somente depois de atingir um determinado nível de apreensão do código linguístico, aprofundar-se no mundo da escrita, mais especificamente, no mundo de encantamento, magia e experiências significativas que a literatura pode lhe proporcionar.

Para tanto, convém envolver as crianças em eventos de letramento: “situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido à situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas” (Kleiman, 1995, p. 40).

Dentre os muitos eventos de letramento, os atos de narrar e ler histórias constituem práticas prazerosas e significativas para as crianças, seja nos lares ou em instituições educativas. Um dos principais objetivos da leitura ou da narração de histórias na escola é estabelecer a interação entre as crianças e a linguagem escrita, de modo a possibilitar uma intimidade prazerosa, uma relação afetiva com a natureza dessa modalidade de linguagem” (MAIA, 2007, p. 95). Para tanto, o professor deve assumir o papel de mediador entre a criança e o livro. Para a autora anteriormente mencionada, ao lermos e narrarmos muitas histórias para as crianças estamos oferecendo-lhes

[...] a possibilidade de conhecer o uso real da escrita, já que é ouvindo e tentando fazer leituras de textos com mensagens que remetem ao universo, às vezes real, às vezes imaginário, que ela descobre a língua escrita como um sistema linguístico representativo da realidade. É ouvindo mensagens com contextos significativos que a criança insere-se num processo de construção acerca da linguagem; aprendizado, portanto, diferente do processo de simples domínio de codificação e decodificação de sentenças descontextualizadas e tão comuns nas cartilhas (MAIA, 2007, p. 82).

Contudo, tais práticas necessitam ser previamente organizadas e planejadas. Esse planejamento abrange conhecer a história antes de fazer a leitura para as crianças e estudar seu enredo; pesquisar sobre o autor e o ilustrador; estabelecer as estratégias e os recursos didáticos mais adequados à história

selecionada; preparar os recursos escolhidos. É necessário pesquisar o significado de alguma palavra desconhecida, verificar se a história escolhida é adequada à faixa etária do público, as personagens principais e secundárias, o espaço da trama (local, época, civilização), avaliar a qualidade do texto, aprimorar o fluxo da leitura.

Enfim, é esse entendimento em profundidade do texto que garante a criação de um clima de envolvimento e encantamento. Ao apresentarmos para as crianças o livro da história lida ou narrada, seu autor e ilustrador, estamos ensinando-lhes que o pensamento humano pode se tornar matéria.

É por meio dos registros escritos das histórias criadas pelo homem e reproduzidas pelas editoras que podemos conhecer histórias de outras épocas, mesmo não vivendo no mesmo local de seu autor. Isso significa que se Ruth Rocha tivesse somente contado para seus filhos a história do menino que aprendeu a ver, poucas seriam as pessoas que hoje teriam acesso à mesma.

Ainda, com o tempo, seus filhos poderiam modificar alguma parte, perdendo assim a fidelidade à história criada pela mãe. Enfim, a história de João poderia sofrer alterações ou cair no esquecimento. Ao escrever a história, a autora conferiu concretude à linguagem. Muitas crianças e adultos, independentemente do local em que moram ou da época vivida, poderão conhecer a história por ela inventada, lendo o seu livro.

O conhecimento do enredo, das personagens e do ambiente no qual se passa a história auxilia o professor na seleção de estratégias e recursos didáticos mais apropriados para a narração. Dohme (2010, p. 27) salienta que “estes elementos indicarão em que estão as dificuldades para a produção de caracterizações e cenários e quais pontos podemos explorar para dar um colorido especial” à narrativa.

Além do próprio livro, existem muitos recursos que podem auxiliar a narração de histórias: fantoches, dedoches, flanelógrafos, álbuns seriados, teatros de sombras, aventais, TV a cabo, painéis sanfonados, cartazes, entre outros. Enfim, são muitas as possibilidades de enriquecer as práticas de leitura e narração de histórias, e fazer dela aliada ao processo de letramento das crianças e estimulando-as a aprender a ler e escrever.

E, se ao final da história, as crianças desejarem ouvir a história novamente, é sinal de que foram alcançadas pelo encantamento e curiosidade, de que ações e pensamentos humanos foram passados para outras gerações através da escrita, de que um dos propósitos dessa linguagem se efetivou de forma prazerosa. Para que tais práticas possibilitem a ampliação do nível de letramento das crianças, tão importante quanto os atos de ler e narrar histórias, são os diálogos estabelecidos com as crianças após a leitura ou narrativa.

Rego (1990, p. 54) destaca a importância de incentivar a criança a falar sobre o texto lido: “É muito importante que surjam perguntas e comentários por parte das crianças, para que a história não se transforme num ritual didático alheio aos verdadeiros interesses delas”. Por isso, o clima instalado após a leitura deve favorecer o diálogo e permitir que as crianças façam comentários.

Segundo Maia (2007, p. 83), “o diálogo e os comentários sobre as leituras realizadas são necessários para que haja troca de informações, confronto de opiniões, comunhão de ideias, exposição de valores e, conseqüentemente, desenvolvimento dos sujeitos envolvidos no processo”.

O importante, salienta Kleiman (1995), é que o conteúdo desses diálogos se estenda a outros contextos, aproximando a história às experiências das crianças e permitindo-lhes fazer inferências. Experiências significativas com a linguagem escrita proporcionadas por meio de narrações de histórias cuidadosamente planejadas permitem que as crianças desenvolvam capacidades essenciais para a aprendizagem da leitura e da escrita, estimulando-as a embrenhar-se no mundo da escrita.

Ouvir histórias constitui-se em um momento de muita exigência para a criança: atenção, concentração, antecipações, formulação de hipóteses sobre a natureza da linguagem escrita. São ações que colaboram para a compreensão dos processos e relações estabelecidas no sistema de representação da língua (MAIA, 2007, p. 107).

A vontade de aprender a ler e escrever muitas vezes inicia nos momentos de contação de histórias quando a criança se aproxima do professor, olha para o livro e deseja fazer a leitura também.

E então, com o livro nas mãos, começa a folheá-lo, apreciando as ilustrações, e vai passando os dedos sobre as letras e a “ler” a história contada pela professora. Até que, por meio de práticas pedagógicas intencionais e sistematizadas, parafraseando Ruth Rocha, ela aprende a ver, ou melhor, a ler a palavra, a desvendar o mundo, como ocorreu com João – o menino que aprendeu a ver, quer dizer, a ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de ensinar a ler e escrever, se tornou função da escola demonstrar, por meio de práticas significativas e carregadas de sentido, que a escrita é um instrumento cultural por meio do qual é possível comunicar-se, registrar opiniões e ter acesso ao conhecimento, entre outras finalidades. Contudo, tanto para estimular o processo de alfabetização, quanto para aprofundar o nível de letramento das crianças, oportunizando-lhes contato com a maior diversidade possível de textos que circulam na sociedade, requer práticas pedagógicas intencionais e planejadas.

Por isso, é destacado neste artigo, a importância do contato efetivo com um tipo de texto – o literário – por compreendermos que se trata de um gênero textual que prima pela fruição e pela ludicidade. Isso significa que os professores em todas as práticas pedagógicas, sejam as que pretendem ampliar o nível de letramento das crianças ou as voltadas para o processo de alfabetização, ao objetivarem a ampliação das experiências da criança com a linguagem escrita, podem recorrer à magia e ao encantamento proporcionado pela literatura infantil.

A leitura é um meio de conhecer a si próprio, quando lemos pensamos e repensamos sobre nós mesmos, ao concordar ou não com os pensamentos no qual o autor atribui, a leitura torna o indivíduo um ser crítico e pensante diante da vida. A leitura exala para a contribuição da expressão de pensamentos e sentimentos, auxiliando a criança em seus momentos de dificuldades e ampliando a compreensão do mundo à sua volta.

A literatura infantil, proposta e utilizada no dia a dia em sala de aula enfatiza certo fascínio. Os professores conquistam seus alunos por meio da literatura, levando-os ao mundo imaginário, a interação uns com os outros e promovendo para que os alunos percebam que a escola não é somente um local de obrigações e deveres.

No momento da contação de histórias, as crianças dão asas à imaginação, passam a vivenciar os personagens da história, vivendo nos lugares nos quais os contos abrem as portas da imaginação, as crianças incorporam os personagens e da mesma forma as competências para o seu desenvolvimento e interação, promovendo a socialização, os aspectos cognitivos, psicomotores e afetivos. A partir da literatura, o leitor começa a desenvolver o seu lado lúdico, que contribui para a sua formação como indivíduo e proporciona um meio de acesso a uma parte da herança cultural da humanidade.

A criança por meio das interações vai construindo conhecimentos sobre o mundo no qual está inserida, com uma ação coletiva, meios de aprendizagem uns com os outros. No âmbito escolar, o aluno tem a oportunidade de se expressar, de indagar, refletir sobre suas ações e questões pessoais ou sociais. O professor como mediador perante tais situações têm autonomia para problematizar as aprendizagens, lançando aos educandos desafios e diagnosticando pontos de partida para o trabalho pedagógico.

Tendo em vista que o aprendizado da literatura e da escrita se dá por meio do uso da linguagem e com a compreensão de seus usos, no cotidiano escolar a literatura infantil é encaminhada para as múltiplas linguagens, possibilitando assim ser usada para a compreensão de ideias, resumindo de forma simples e objetiva os processos experimentados pelas crianças em seu contato com as histórias. A aprendizagem da literatura se inicia antes da aprendizagem das letras, quando é contada uma história, ou seja, alguém lê a criança ouve com prazer, e se volta para os enigmas chamados letras, quer decifrá-los, compreendê-los, porque eles são chaves que abrem o mundo das maravilhas que encontramos nos livros.

A literatura infantil é essencial no cotidiano escolar para se desenvolver as estruturas linguísticas, é lendo, ouvindo, interagindo com as histórias que as crianças vão adquirindo, tomando posse dos mistérios da língua materna, e assim facilitando a produção e a compreensão de outros tipos de texto. No entanto, a forma de aprendizado não pode ocorrer desvinculada do papel social do ato de escrever, porém o ato de ler e escrever não depende somente do exercício de decodificação e de habilidades, mas de dois aspectos da língua: o funcionamento de sua estrutura e do modo como é usado em sociedade.

Torna-se funcional o aprendizado da literatura e especialmente vai incorporando à atividade social da criança, não se tornando mecânico e passando a ter um peso real no desenvolvimento de quem aprende. No intuito de proporcionar avanços significativos e efetivos no uso da linguagem, a escrita passa a ser vista como uma das descobertas feitas pela criança dentro dos processos de desenvolvimento linguístico.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1992.
- _____. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1983.
- ABRAMOVICH, FANNY. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Spicione, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996
- CADERMATORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Literatura Infantil: estudos**. São Paulo: Lótus, 2003.
- CASTRO, Célia Romea. Linguagem oral e escrita na Educação Infantil. In LLEIXA, Arribas Teresa (Org.). **Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar**. 5 ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- VASCONCELLOS, C. S. (2003). **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito e transformação**. São Paulo: Libertad.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ZILBERMANN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil – História e Histórias**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- VYGOTSKI, L, S. **O desenvolvimento Psicológico na Infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



ELISÂNGELA OLIVEIRA SILVA

Licenciatura Plena Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP, Pós graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Campos Elíseos, SP; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



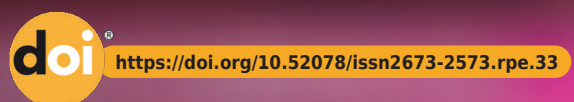


ORGANIZAÇÃO:

Andréia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Aline Lima Carvalho
Aline Lopes de Sousa Silva
Ana Kátia de Souza Pessoa
Bruno Fragoso Watanabe
Cibele Vieira dos Santos Alves
Eliane Cristina Bulgan Borges
Elisângela Oliveira Silva
Geni Santana Cardoso
Ilda Helena Domiciano Paukoski
Ismenia Maria Pires Vaz
Jonatas Hericos Isidro de Lima
Maria Dalva Lima de Sousa
Manuel F.da Silva e Delson da C. Miguel
Maria Goreth Bueti Nhuca
Marilene Pereira da Silva
Maura Antônia Lima
Patrícia Herminio da Silva
Silvana Trindade de Azevedo
Solange Alves Gomes Zaghi
Vânia Regina Dias dos Reis Silvas



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

